



# RECONQUISTAR A POESIA: UM MANIFESTO DA POTÊNCIA CRIATIVA NO ENSINO DE ARTE

Guilherme Bruschi Frizzo<sup>1</sup>

RECONQUER POETRY: A MANIFESTO OF CREATIVE POTENCY IN ART EDUCATION

RECONQUISTAR LA POESÍA: UN MANIFIESTO DE LA POTENCIA CREATIVA EN LA EDUCACIÓN ARTÍSTICA

---

<sup>1</sup> Professor, pesquisador e artista visual, licenciado em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Paraná com monografia intitulada *Arquivos fictícios*, focando no ensino de Arte num Colégio Cívico-Militar. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9146064563786249>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1710-9075>. E-mail: [guilhermebruschi@hotmail.com](mailto:guilhermebruschi@hotmail.com)

## RESUMO

Partindo de vivências e inquietações sobre as condições de ensino de Arte na Rede Estadual de Ensino no Paraná, o presente artigo tem por objetivo relatar um processo de pesquisa cartográfica já finalizada e elaborar uma análise, sustentada na articulação entre o pensamento dos filósofos Jacques Rancière, Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como na aproximação com Villém Flusser, que tenciona as concepções vividas e apresenta horizontes possíveis. Para isso, partimos da distinção entre ato criativo e ato produtivo para pensar em estratégias de transformação de um ensino precarizado em um ensino emancipador, propondo a reconquista da poesia e da potência do ato criativo descompromissado com as demandas produtivas enquanto estratégia de reestruturação das condições de ensino de Arte. O percurso realizado desembocou num projeto de saídas da escola que reelaborou as noções de ensino e aprendizagem e proporcionou relações outras com o fazer artístico.

Palavras-chave: Poiesis; Ensino de Arte; Cartografia; Emancipação; Precariedade.

#### ABSTRACT

Starting from the experiences and restlessness about the conditions of Art education in the education system in the state of Paraná, the following article has as its goal to relate a cartographic research process already finished and elaborate an analysis, sustained in the articulation between the thought of the philosophers Jacques Rancière, Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as in its approximation with Villém Flusser, that tightens the conceptions experienced and presents possible horizons. To this end, we stem from the distinction between creative act and productive act to think about strategies to transform a precarious education into an emancipatory education, proposing the reconquer of poetry, of the potency of the creative act nonchalant with the productive demands, as a strategy to restructure the conditions of Art education. The path held resulted in a project of exits from the school that reinvented the notions of teaching and learning and provided different relations with artistic practices.

Keywords: Poiesis; Art education; Cartography; Emancipation; Precariousness.

#### RÉSUMÉ

Partiendo de las vivencias e inquietudes acerca de las condiciones de la educación artística en la red estatal de enseñanza en Paraná, el presente artículo tiene como propósito relatar un proceso de investigación cartográfica ya finalizado y realizar un análisis, sostenido en la articulación entre el pensamiento de los filósofos Jacques Rancière, Gilles Deleuze y Félix Guattari, así como en la aproximación con Villém Flusser, que tensiona las concepciones vividas y presenta horizontes posibles. Con este fin, partimos de la distinción entre acto creativo y acto productivo para pensar en estrategias de transformación de la enseñanza precarizada en una enseñanza emancipadora, proponiendo la reconquista de la poesía, de la potencia del acto creativo sin compromiso con las demandas productivas, como estrategia de reestructuración de las condiciones de la educación artística. El recorrido realizado ha desembocado en un proyecto de salidas de la escuela que han reelaborado las nociones de enseñanza y aprendizaje y proporcionaron relaciones distintas con el hacer artístico.

Palabras-clave: Poiesis; Educación artística; Cartografía; Emancipación; Precariedad.

## A paisagem vista e um horizonte possível

Para a musicista Sophie Xeon (*in memoriam*), a realidade contém uma semente niilista que se mostra na oferta de condições de vida que se diferem muito dos sonhos de quem dela faz parte. Ela afirma que há uma “[...] distância entre onde nós estamos agora e, eu imagino, onde nós poderíamos estar, e os lugares que nossas imaginações podem nos levar estão tão longe daquilo que nos é apresentado boa parte do tempo” (Xeon, 2018, tradução nossa<sup>2</sup>). Apesar disso, Xeon percebe a possibilidade de mudança: nós ainda temos a capacidade de imaginar, de desenhar uma vida tão mais interessante, e é por isso que, em suas palavras, “[...] eu não consigo ficar muito animada com nada acontecendo agora, eu estou muito animada com o que poderá acontecer no futuro” (*Ibidem*, tradução nossa<sup>3</sup>). Essa dualidade entre o ser e o poder ser é o nosso ponto de partida.

O filósofo Jacques Rancière desenvolve em seu livro *A partilha do sensível* uma poderosa reflexão sobre as dinâmicas da Arte no mundo e o papel que ela desempenha na vida. Para isso, ele retorna à Platão para defini-la a partir de três regimes: o ético, o estético e o poético. No presente trabalho, focarei nos dois primeiros para afirmar que a Arte tem o que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamariam de poder de usina, de criação de formas de vida. Partindo do regime ético, o foco de Rancière é na análise dos comportamentos que uma obra permite em uma sociedade. O filósofo francês se aproxima de Platão ao definir que a questão ética vai repousar na origem das imagens (o seu “teor de verdade”) e na sua destinação social pela maneira como as imagens oferecem educação e

2 Do original: “[...] gap between where we are now and, I imagine, where we could be, and the places that our imaginations can take us are so far away from what we are presented with a lot of the time”.

3 Do original: “[...] I can’t get too excited about anything happening now, I’m really excited about what should be happening in the future”.

perpetuam o *ethos* de um determinado contexto (Rancière, 2005).

Se o regime ético é aquele que relaciona a Arte diretamente com o contexto social no qual ela se insere, o regime estético é aquele que identifica a Arte enquanto um campo de liberdade, libertando-a das regras e expectativas, inclusive aquelas inerentes ao *ethos* sobre o qual ela se inscreve. Assim, “Fundada, a uma só vez, a autonomia da arte e a identidade de suas formas com as formas pelas quais a vida se forma a si mesma” (*Ibidem*, p. 34). É através da estética que a Arte cria novas formas de vida, sendo uma usina de subjetividades<sup>4</sup> (Deleuze; Guattari, 2011).

Isso se relaciona com o pensamento do filósofo theco-brasileiro Vilém Flusser, como analisado por Debora Pazetto e Cleverson Salvaro:

Em seu primeiro livro publicado, *Língua e Realidade*, o autor descreve a arte como “poesia” ou “*poiesis*” – palavra grega que designa a origem de algo, a passagem do não-ser ao ser –, a qual deve ser compreendida como o esforço do intelecto humano para criar novos elementos ou novas informações que possam ser inseridas na realidade. Em outras palavras, arte seria a capacidade de criar, de gerar novas experiências significativas, de fertilizar a cultura com informações, imagens, modelos, experiências e ideias, de inserir na realidade algo que não estava dado de antemão, de buscar elementos fora do roteiro (Pazetto; Salvaro, 2016, p. 2).

A análise de Rancière – e sua aproximação com o pensamento deleuze-guattariano e flusseriano – dá visibilidade à duas coisas: primeiro, ao potencial transgressivo da Arte de dar fluência para novas formas de ser, de desestabilizar afetos vigentes e propor novos; também, ao potencial

---

4 Usina enquanto criação é um conceito que Deleuze e Guattari exploram em seu livro *O anti-Édipo*, de 1972, revisitado no *Mil platôs*, de 1980. Neste, os autores se afastam da ideia de inconsciente, criticando algumas das bases da psicanálise que haviam abordado n’*O anti-Édipo*. Mas o conceito de usina aqui é valioso – ele se opõe à ideia de teatro: representação das subjetividades (Deleuze; Guattari, 2011).

reacionário da Arte de apenas perpetuar um *ethos* já estabelecido, de se inserir num ciclo vicioso. Essa dualidade não se inscreve apenas em seu campo como uma característica limitada, mas vai definir, também, as características do seu ensino.

Assim sendo, parto da indissociabilidade entre teoria e prática e de um diálogo crítico entre pensadores que abordaram as qualidades e funções da Arte para expandir suas contribuições e pensar nos processos do seu ensino e aprendizagem. O presente artigo apresenta uma análise do ensino de Arte no Ensino Fundamental Estadual Paranaense, relatando um processo de pesquisa cartográfica já finalizado em um Colégio Cívico-Militar (CCM) na cidade de Palmas (PR) – essa é a paisagem vista. Para isso, tomo como valor fundamental que uma análise não se finda em uma crítica, assumindo uma postura crítica-criativa, por vezes subversiva, com vistas a um ensino de Arte emancipatório – esse é o horizonte possível.

### **Tatear inicial das disposições sobre o ensino e a Arte**

A escola é um território de disputas desde que institucionalizou a tarefa, anteriormente destinada à família, de promover a educação. O seu currículo é o projeto para a construção/perpetuação da sociedade na qual ela se insere, nome que deriva do termo latino *currere*, que significa a forma que algo acontece em um percurso (Franco et al., 2020). Assim, o currículo é uma organização de processos, resultado dos conflitos entre os interesses de um determinado contexto histórico, o que faz com que ele não consiga se desconectar do seu contexto gerador (*Ibidem*). Nesse sentido, partindo da análise do campo em que a pesquisa foi realizada – o Ensino Fundamental Estadual no Paraná –, a Arte se insere no sistema de ensino de maneira reacionária, tendo maior fluência do que Rancière (2005) denomina enquanto regime ético. Esse fator faz com que o seu potencial criativo não tenha vazão no contexto analisado, sendo substituído por um processo tido como semelhante por conta de uma

confusão discursiva: a produção.

A distinção entre a criação e a produção não se dá pelo caráter do processo, ou seja, a produção não é, necessariamente, um processo industrial, nem a criação é um processo artesanal. A grande diferença está na postura e na intenção de quem opera esses processos. Como analisa Raoul Vaneigem (2016), filósofo anarquista expoente do situacionismo, criar parte de um desejo, é a fluência das vontades subjetivas, propondo maneiras também subjetivas de relação com o mundo e criando, invariavelmente, novas formas de vida. Já a produção parte de uma demanda, é um processo burocratizado baseado na execução de comandos, perpetuando um sistema e suprimindo as subjetividades. A confusão nasce aqui: desde a Revolução Industrial, experienciamos cada vez menos processos criativos, tendo nossas vidas destinadas à execução de atividades produtivas alheias aos nossos desejos – passamos a associar os meios industriais com a atividade produtiva. Nas palavras de Vaneigem (2016, p. 69), “Em uma sociedade industrial que confunde trabalho e produtividade, a necessidade de produzir é sempre antagônica ao desejo de criar”.

Assim, é possível traçar o caráter produtivo do ensino de Arte no contexto do ensino estadual paranaense, o que não se distancia do contexto político de avanço de uma agenda neoliberal em todas as pastas do Governo Estadual. As dinâmicas de ensino viabilizadas pelo cumprimento das cartilhas elaboradas pela Secretaria Estadual de Educação (SEED) desembocam num ensino burocratizado, limitado à produção a partir de comandos que impedem a fluência da subjetividade tanto dos das du s estudantes quanto dos das du s professores professoras professorus.

### **Uma fotografia do campo: tudo o que era sólido se desmancha no ar**

Durante as últimas gestões, o Estado do Paraná passou por reformas no ensino formal que produziram condições inadequadas para o processo

de ensino e aprendizagem, veementemente criticadas pela classe de **trabalhadorestrabalhadorastrabalhadorus** da educação. Durante o ano de 2023, com o Registro de Classes Online (RCO), o trabalho **dadadu professorprofessorprofessore** se tornou mecanizado, precarizado<sup>5</sup>, afetando diretamente a qualidade da aprendizagem **dosdasdus** estudantes. Com a cartilha e os materiais didáticos disponíveis no RCO e os *quizzes* obrigatórios (denominados Desafio Paraná), a SEED consegue controlar o que é trabalhado, como é trabalhado e por quanto tempo.

O RCO é uma plataforma que reúne boa parte dos processos burocráticos obrigatórios ao professorado paranaense: por meio dele é possível realizar a chamada, acessar a matriz curricular, lançar as notas das avaliações e acessar os *quizzes* do Desafio Paraná. Os conteúdos obrigatórios contam com materiais elaborados pela SEED, mas as informações são rasas e, não raro, errôneas. Uma análise mais atenta permite atestar que a organização do material, por vezes, se desvincula inclusive dos objetivos de aprendizagem definidos no CREP (Currículo da Rede Estadual Paranaense). Para exemplificar, um dos conteúdos do 9º Ano é *A linguagem do desenho e da pintura e suas materialidades*, contando com quatro horas/aula destinadas para seu desenvolvimento, sendo cada material (em formato de *slides*) dedicado à duas horas/aula. O primeiro *slide* tinha por objetivo de aprendizado a experimentação com diferentes *medias*, o que não é possível atingir nem pelo conteúdo presente no material e nem pela proposta artística elaborada. O conteúdo inicia com uma análise sobre os materiais e suportes na Pré-História e na Antiguidade, focando no Egito Antigo, para destinar sua atenção para o delineado na maquiagem egípcia. Ao final, a proposta prática parte de uma relação falsa, que é a codificação de uma mensagem utilizando uma

---

5 Precarização, aqui, se refere ao processo que torna algo insuficiente e ineficiente, o movimento de perda de qualidade. Nesse sentido, se percebe no ensino estadual paranaense uma expressiva perda de qualidade desde que se passou a priorizar a standardização e plataformação do ensino.



tabela que relaciona hieróglifos com letras do alfabeto latino.

De que maneira a codificação da mensagem cumpre com o objetivo de experimentação de diferentes *medias*? Experimentar é uma atividade de expansão do repertório, demanda o acesso a materiais diversos e a possibilidade de tentativa descompromissada com um resultado específico. O fazer artístico aqui se distancia da experimentação por partir de uma relação limitante (existe uma tabela de signos limitados para se utilizar), reduzindo-o a uma prática produtiva a partir de comandos, um gesto que não exige pensamento criativo. Por isso, seguir a cartilha em todas as áreas, mas em especial aquela contemplada pelo recorte da pesquisa, a disciplina de Arte, implica uma redução considerável na qualidade do ensino ofertado pela Rede Estadual de Ensino. Nesse cenário, quem sai perdendo são osasus estudantes, que estão tendo sua formação básica nesse contexto de precarização generalizada.

No sistema tido como campo de pesquisa, para além das aulas serem completamente dedicadas ao cumprimento de plataformas, osasus estudantes recebem uma carga de obrigações para realizar durante o contraturno, horário que poderia ser destinado para outras atividades, como lazer, esporte, cultura etc. Assim, eleselaselus já chegam cansadoscansadascansades na escola, para terem ali uma experiência de ensino precarizada. A motivação na pesquisa aqui relatada se deve pela minha inserção enquanto professor nesta rede de ensino, em atuação específica com uma turma do 9º Ano do CCM Sebastião Paraná, localizado na cidade de Palmas. A presença nesse campo permitiu a compreensão das dinâmicas acima relatadas e a constatação de que não apenas minha formação acadêmica me preparou para mais do que executar atividades burocráticas, como também que osasus estudantes tinham desejo por experiências significativas em Arte. Marx e Engels assistiram a ascensão de uma classe que instituiu como seu *modus operandi* a constante desestabilização como forma de dominação. Nas relações vivenciadas sobre o ensino público estadual paranaense, “Tudo o que era sólido e

estável se desmancha no ar [...]” (Marx; Engels, 2005, p. 43), assinalando a permanência do abalo constante das instituições enquanto tática.

### **Tatear certo, o campo já foi compreendido: sobre o controle do trabalho**

Um termo tem nos acompanhado até agora no texto e merece desenvolvimento: a burocracia. A burocracia é um processo que se insere numa dinâmica de vigilância e controle do trabalho, como analisado pelo antropólogo anarquista David Graeber (2019). Nesse contexto, quando a vigilância não acontece de maneira literal, o espaço do trabalho é ocupado por tarefas que têm como única função a comprovação e legitimação da produtividade, se distanciando das atividades às quais o trabalho originalmente se destinaria (Graeber, 2019). No caso do campo da presente pesquisa, o objetivo final da educação deveria ser o conhecimento. Para Raoul Vaneigem (2016), a ordem própria do conhecimento é o qualitativo e a burocracia, nesse sentido, assume como objetivo a geração de índices quantitativos para comprovar uma suposta produtividade, deixando de lado atividades de fato comprometidas com o caráter qualitativo da aprendizagem **dosdasdus** estudantes. Isso denuncia a cooptação da educação por uma agenda neoliberal e o seu conseqüente uso para a perpetuação de seus valores, como a produtividade, a eficiência e o empreendedorismo.

Como afirmar tão categoricamente isso? Pelos usos das plataformas empregadas pela SEED. Focarei minha análise em dois aspectos principais: os materiais elaborados pela SEED, disponíveis no RCO, e os *quizzes* do Desafio Paraná, disponíveis na plataforma Quizizz e indexados ao RCO. Os materiais presentes no RCO não são obrigatórios, cada **professorprofessoraprofessoru** tem, em tese, a liberdade de escolher usá-los ou não. Essa suposta liberdade não se sustenta, já que o conteúdo específico dos *slides* é utilizado para elaborar os *quizzes*, que

são obrigatórios, tornando os *slides* necessários para a resolução das atividades. Esse mecanismo é implicacional: há a possibilidade de discordar, por exemplo, da primeira aula do conteúdo *A linguagem do desenho e da pintura e suas materialidades* e propor um outro caminho, não pensando em uma linha do tempo evolutiva entre os materiais da Pré-História e do Egito Antigo (e ignorando o delineado), focando em proporcionar um espaço de tempo no qual os/as estudantes tenham a oportunidade de experimentar diferentes *medias* e relatar suas experiências em um diário. Porém, ao final da aula, o/a **professor/a** deverá atribuir o *quiz* elaborado para avaliar estritamente a retenção de informações da aula presente na plataforma RCO.

Os *quizzes* assumem, então, um caráter burocrático. Isso perpassa, primeiro, a dinâmica descrita acima, ao garantir que um material será utilizado e ao impedir o exercício da potência criativa inerente ao trabalho educacional na definição de um percurso possível a partir de um conteúdo. Depois, a SEED assume pontualmente que os *quizzes* se desvinculam de qualquer caráter educacional, como na fala de duas técnicas do Núcleo Regional de Educação (NRE) durante uma reunião com **professores/professoras/professoras**:

Em nenhum momento se falou sobre aprendizado. A cobrança é só para nós. “Vocês têm a obrigação de postar, se o aluno vai fazer é outra história” – que pedagogia é essa que ignora o aluno? (Bruschi, 2023).

Numa pesquisa sobre a plataformização da educação no Paraná<sup>6</sup> realizada pelo Instituto Pesquisas de Opinião (IPO), encomendada pela APP – Sindicato dos trabalhadores em educação pública do Paraná,

<sup>6</sup> A pesquisa foi realizada ao final do primeiro semestre de 2023 com uma amostragem de 300 **professores/professoras/professoras sindicalizados/sindicalizadas/sindicalizadas** (Nascimento, 2023). Apesar da amostragem singela, os dados são válidos para a análise aqui elaborada, principalmente por irem de encontro com boa parte dos relatos que coletei na minha investida cartográfica no ensino estadual paranaense.

69,7% das pessoas entrevistadas afirmaram que a implementação das plataformas teve um impacto negativo nas condições de trabalho, causando, para 91,3%, sobrecarga (Nascimento, 2023). A cobrança ao professorado paranaense se deve ao Power BI, uma plataforma da Microsoft utilizada pela SEED para cruzar os dados de uso das plataformas no ensino estadual. No Power BI ficam armazenados dados, por exemplo, **dosdas**du **professores**professoras**professorus** que atribuíram os *quizzes* e **dosdas**du que não atribuíram, para além de dados referentes às outras plataformas. Esses índices quantitativos são utilizados pelas equipes diretivas enquanto parâmetro para cobranças individuais, já que atestam uma suposta “improdutividade” – se desvinculando do caráter de avaliação da aprendizagem **dosdas**du estudantes. Então, o que os *quizzes* exercem é a função de controlar como **os**as **professores**professoras**professorus** investem seu tempo – pura burocracia.

### Reconquista da poesia

Descrito o contexto, fica a pergunta: como resistir nessas condições? Retomo o que disse no início do texto – acredito em uma crítica comprometida com a proposição – esse era o objetivo inicial da pesquisa. As críticas ao ensino estadual paranaense são abundantes, principalmente a partir da ação sindical e institucional de **alguns**algumas**algumes** **deputados**deputadas**deputades** estaduais. A questão aqui era encontrar brechas para deixar fluir o ato criativo no ensino de Arte e promover uma reconquista da potência criativa, da *poiesis*. Se, como analisado por Pazetto e Salvaro (2016) a partir de Flusser, o ato criativo insere no mundo elementos que antes não estavam presentes, elementos que quebram com os roteiros, no trabalho aqui relatado isso inicia comigo – adentro num campo com um roteiro restrito e me recuso a segui-lo. Isso envolveu a eliminação ou, quando não foi possível, a minimização das atividades de caráter produtivo e burocrático, que são antagônicas ao ato *poiético*.

Depois, percebo que não sou o único que não quer seguir o roteiro, e convido **osasus** estudantes para criarmos algo **juntosjuntasjuntas**.

Na escola, meu objetivo foi elaborar junto **dosdasdus** estudantes uma proposta de ensino de Arte visando a emancipação e proporcionando vivências artísticas significativas, que partissem da potência criativa e não da necessidade de produção. Isso envolveu, primeiramente, dar atenção aos interesses e aos desejos **delesdelasdelus** com a aula de Arte, já que isso seria uma forma de trazer significância para as experiências – a significância de uma experiência está relacionada à sua aproximação ao território do desejo (Vaneigem, 2016). Depois de um levantamento dos desejos individuais, foi necessário encontrar um ponto em comum, uma coordenada mútua desses desejos. Esse ponto era sair da escola.

Aqui, nossas ações desejadas encontraram uma poética: a do deslocamento, ação que provoca mudanças não apenas no espaço que é percorrido, mas também no corpo que percorre (Bauchwitz, 2020). O projeto se efetivou com quatro saídas, mas ao invés de relatá-las, meu objetivo aqui é pensar na sua efetividade. Sendo isso um manifesto, sua função é inflamar um sentimento, motivar uma mudança e oferecer pistas para atingi-la. Reconquistar a potência criativa no ensino de Arte não é algo que se efetiva seguindo uma lista de passos, mas sim atentando para o que foi trazido até aqui: desenvolver um olhar mais atento para **osasus** estudantes, perceber a importância da consonância do ensino com os seus desejos e, a partir desses desejos, interferir na realidade. Nas palavras do artista, curador e professor uruguaio Luis Camnitzer (2018, p. 129), “O professor deve se realocar e abandonar o monopólio do conhecimento para atuar como estímulo e catalisador e deve poder escutar e se adaptar ao que escuta”.

A partir daqui a escrita precisa incluir outras vozes, numa costura entre as minhas constatações sobre as saídas e os relatos **dosdasdus** estudantes. Em um primeiro momento, o mais interessante que observei foi o frutificar de relações entre **eleselaselus** muito distintas daquelas

que eu observava na escola – para além da articulação de novas relações com os lugares que foram os *topos* de nossas aulas. Isso não só foi uma surpresa positiva para mim, mas também contradisse a narrativa que a direção e o professorado do colégio tecem sobre a turma, narrativa que é internalizada e reproduzida **pelospelaspelus** estudantes. “As saídas nas aulas de artes foram muito boas. Diferente de aulas que já tive no passado. Achei que a turma se comportou bem, até, como conheço eles a (*sic.*) anos, achei que esse tipo de atividade seria impossível aqui” (Bruschi, 2023).

O sair, por vezes, assumiu maior importância do que a proposta artística – o que é completamente compreensível considerando o campo e suas condições de ensino, “Foi bom sair da escola porque ficar só na sala é chato e casativo (*sic.*), é bom fazer coisas diferentes” (*Ibidem*). Sobre isso, é positivo perceber que **eleselaselus** conseguiram se aproveitar quase que de maneira subversiva, porque “Sair da escola foi muito bom agente (*sic.*) podia coversar (*sic.*) e perder um pouco de aula e deu mais ideias para desenhar” (*Ibidem*). A vantagem do “perder aula” está relacionada com uma mudança ocorrida no meio do projeto: eu deixei de ser o professor de Arte **delesdelasdelus**<sup>7</sup> e finalizei as práticas enquanto propositor externo, ocupando, por vezes, aulas de outras disciplinas.

Ainda, a noção de como deve ser uma aula de Arte foi abalada, “Eu acho que depois dessa atividade arte não é apenas numa sala de aula ou em um lugar fechado até ao ar livre a arte pode ser feita” (*Ibidem*). E não apenas as noções espaciais, mas também as noções procedimentais, “Fez eu mudar as minhas percepções sobre a aula de arte, que não precisa ser aquela coisa monótona e chata” (*Ibidem*). Isso aponta uma compreensão ampla da indissociabilidade entre teoria e prática que foi proporcionada pelas saídas, “Eu gostei porque a sala não ficou presa só no teorico (*sic.*)

---

7 Meu contrato como professor estadual era em regime PSS (Processo Seletivo Simplificado), modo de contratação que não proporciona nenhuma estabilidade. No meio do projeto, houve uma redistribuição nos cargos do colégio e eu fui desligado.

e sim na prática (*sic.*), as saídas além de serem divertidas foram uma forma de aprendizado simples [...]” (*Ibidem*). Por fim, abalou as próprias noções do que é Arte, “Para mim a arte se tornou algo muito legal, as saídas fez (*sic.*) eu ver diferente, de forma diferente, antes achava que artes era só fazer desenhos” (*Ibidem*), “[...] agora eu sei que arte não é só isso, é bem mais” (*Ibidem*).

**Fazer arte hoje, então, é uma questão de pensar** – de forma ensimesmada, singular, totalmente curvilínea (foge-se da reta) – essa repentina falta de gravidade (procura-se os tropeços, os choques, a queda livre) desde onde se ativam reuniões, aglomerações de ideias, derivas e encruzilhadas em direção ao comum da arte ou, pelo menos, **em direção à construção de um aparato cultural que responda aos corpos locais e presentes, às verdades provisórias e cambiantes**. Ainda que este pensamento soe cada vez mais utópico, no marco de uma sociedade cada vez mais avessa aos encontros e às tensões (beirando a distopia), é sobre ele que o artista deve insistir, mesmo que apenas vestido de indecisão e verdades passageiras (Bauchwitz, 2020, p. 53, grifo nosso).

Sofia Bauchwitz pensa no fazer e eu trago suas considerações para o ensinar-fazer. Em nenhuma das saídas a proposta artística se aproximou das noções de produção partindo de comandos que a SEED oferecia enquanto norma – as alternativas propunham um pensar e aceitavam, inclusive, os errares e vacilares inerentes a esse pensar e ao próprio processo de investigação artística. As práticas, como visto nos relatos, se aproximaram e proporcionaram momentos de satisfação de um desejo, correspondendo a esses corpos presentes, ao mesmo tempo que significaram o câmbio de percepções sobre a Arte e o seu ensino. Se perceber aprendendo ao sair da escola alterou a relação que eleselaselus têm com o aprendizado e, inclusive, com a escola. Qualquer conclusão maior que essa desembocará no significado do verbo *concluir* – chegar ao fim, acabar –, e eu desejo que esse relato seja um começo a partir daqui.

## Referências

BAUCHWITZ, Sofia Porto. Sair do Mapa, criar o mapa: uma epistemologia errante. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 51-60, 2020.

BRUSCHI, Guilherme. **Caderno de anotações**. Cidade do local de observação: Palmas, Paraná. 2023.

CAMNITZER, Luis. O ensino de arte como fraude. *In*: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. **Agite antes de usar**: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: SESC São Paulo, 2018. p. 125-137.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires *et al.* Currículo escolar: uma construção história, teórica e ideológica. **Argumentos Pró-Educação**, Pouso Alegre, v. 5, p. 1-17, 2020.

GRAEBER, David. **Bullshit jobs**: the rise of pointless work, and what we can do about it. Bungay: Penguin Books, 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

NASCIMENTO, Marcelo do. **Pesquisa “plataformização da educação”**: percepção dos professores(as) sobre a plataformização da educação no Estado do Paraná – parte I. IPO – Instituto Pesquisas de Opinião, 2023. Disponível em: [https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Pesquisa\\_Plataformas\\_Parte\\_I.pdf](https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Pesquisa_Plataformas_Parte_I.pdf). Acesso em: 25 ago. 2023.

PAZETTO, Debora; SALVARO, Cleverson Luiz. Violadores do jogo: um diálogo entre Artur Barrio e Vilém Flusser. **Artelogie**, Paris, n. 8, p. 97-110, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental; 34, 2005.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Veneta, 2016.



XEON, Sophie. SOPHIE: the producer taking pop to the future. [Entrevista cedida a] Nahuel Stoppa. **Arte TRACKS**, [S.l.], 2018. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ifh0tDrwBA>. Acesso em: 11 set. 2023.

Data de submissão: 23/09/2023

Data de aceite: 15/03/2024

Data de publicação: 26/04/2024